LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICAS SOCIAIS: PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Elaine da Silva Faria (UFRRJ)[1]

Resumo: A leitura está por toda parte e com o passar do tempo, os textos vão se transformando e ampliando suas possibilidades de comunicação. Temos hoje textos multimodais, em plataformas e suportes diferenciados e isso tudo não pode ficar de fora da sala de aula. É necessário envolver os alunos com práticas de leitura e escrita, que sejam significativas para eles. É papel da escola, valorizar os saberes linguísticos existentes no aluno e potencializá-los com o trabalho de gêneros textuais múltiplos e também com a inclusão de letramentos, que já fazem parte da sociedade contemporânea. Até porque muitos textos são vistos e utilizados pelos alunos fora da escola. O estudante convive com textos diversos ao pegar um ônibus, ir ao mercado, usar a internet, as redes sociais, e esses textos precisam fazer mais parte do repertório escolar. O objetivo desta pesquisa é verificar como os alunos compreendem as informações que estão lendo nas ruas? Elas fazem sentido para eles? Com base na sociolinguística é possível estudar o assunto e perceber como a interação com a leitura proporciona um envolvimento com as intenções de quem a produziu, com o público a qual se destina, com a finalidade do texto e a função social dele. Uma diagnose com alunos do Ensino Fundamental, pode nos oferecer uma fonte de pesquisa importante, para investigar os fatores linguísticos que causam maior distanciamento entre texto e leitor e também como se dá a compreensão das infomações de textos multimodais, que fazem parte do dia a dia dos estudantes. Dentro e fora da escola! Amparar o trabalho em uma pesquisa bibliográfica também será de total importância, para traçar metas, que auxiliarão os professores de línguas em sala de aula.

Palavras-chave: Sociolinguística. Texto. Leitura. Compreensão. Alunos.

INTRODUÇÃO

Estudar e observar a linguagem, seus desdobramentos, bem como os processos de letramentos ligados à escrita é missão de um bom professor. “Entende-se por linguagem qualquer sistema de signos simbólicos empregados na intercomunicação social para expressar e comunicar ideias e sentimentos, isto é, conteúdos da consciência” (BECHARA, 2009, p. 28). O aluno já chega à escola com a capacidade de se comunicar de alguma forma, e, é preciso respeitar a capacidade linguística dele.

Devemos conceber a ideia de língua de acordo com a sociolinguística. “A língua é um

[1] Professora licenciada de Língua Portuguesa e Literatura. Pós graduação em Língua Portuguesa e Especialização em Ensino de Leitura e Produção Textual. Professora I - Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e Professora I da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. Mestranda do ProfLetras pela UFRRJ.

conjunto de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua" (MARCUSCHI, 2008, p. 61). Marcuschi traz a ideia da importância da língua viva, mutável, que existe e atua na vida em sociedade. É através da língua que as interações sociais acontecem, pois ela é reflexo da identidade biológica, cultural, política e histórica dos povos. Todo indivíduo possui características biológicas que facilitam o desenvolvimento da linguagem. A fala é um bem natural, nos é dada esta habilidade. Diferentemente dos processos de leitura e escrita, que exigem prática, treino, repetição, para que se desenvolvam bem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O "letramento é um conceito criado para refletir-se aos usos da língua escrita não somente na escola, mas em todo o lugar" (KLEIMAN, 2005, p. 5). Por este motivo, cabe à escola analisar e trabalhar a escrita, formando mais que alunos capazes de realizar as atividades em sala de aula e sim cidadãos que consigam desempenhar bem seus papeis na sociedade e interagir com ela.

Bortoni (2004) considera que como falante todo indivíduo já chega à escola competente em utilizar sua língua, mas cabe à escola potencializar o estudante, para que ele realize quaisquer atividades linguísticas com segurança e assertividade. "Temos de levar em conta, porém, que o uso da língua, assim como quaisquer outras ações do homem como ser social, depende das normas que determinam o que é um comportamento socialmente aceitável." (BORTONI, 2004, p. 75) Desta forma, é necessário repensar a forma como as aulas de Língua Portuguesa devem acontecer.

Faz-se necessário valorizar os saberes linguísticos existentes no aluno e potencializá-los com o trabalho de gêneros textuais múltiplos e também com a inclusão de letramentos, que já fazem parte da sociedade contemporânea. Até porque muitos textos são vistos e utilizados pelos alunos fora da escola. Sendo assim, "trabalhar com multiletramentos partindo da cultura de referência do alunado implica a imersão em letramentos críticos que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar à proposta de produção transformada, redesenhada" (ROJO, 2012, p. 8-9).

A utilização de gêneros diversificados nas aulas e a inserção de novas tecnologias de comunicação e informação permitem uma identificação e aproximação do aluno com o processo de ensino e aprendizado, gerando mais significação.

Utilizar nas aulas textos que os alunos reconhecem, músicas que gostam de ouvir, propagandas dos comércios próximos da escola ou de grandes empresas, comerciais de TV, por exemplo, são possibilidades simples, mas que são muito significativas para o desenvolvimento dos alunos. Assim eles se sentem incluídos e compreendem melhor a finalidade do ensino da língua. Pois, "muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino da língua cada vez mais útil e contextualmente significativo" (ANTUNES, 2003, p. 36).

Os processos de letramento nas aulas de leitura e escrita eram definidos fortemente pela escrita dos alunos, mas hoje as tecnologias de comunicação e informação atuais os levam a uma nova vivência, e os professores precisam de propostas mais assertivas. "Em se tratando de ensino, parece-nos evidente que o contato escolar com a língua não deve ser reduzido à abordagem de como as frases/enunciados devem ser escritos/falados, nomenclaturas, classificações etc." (SILVA, 2017, p. 169). É necessário que os alunos percebam a funcionalidade de estarem analisando algum tipo de texto, seja ele qual for. Este processo precisa fazer sentido, precisa ser contextualizado. Ancorar questões em textos, somente com o pretexto de utilizar o tema e explorar uma ou duas questões sem relação nenhuma com o texto é um grande desperdício.

As pessoas estão cercadas pela escrita por todos os lugares. Ela não se faz presente somente na escola, mas é esta instituição que tem o compromisso de tornar o estudante um leitor crítico, inserido e participante de sua sociedade, que consiga interagir com todas as informações que o cercam e também produzir respostas a esses estímulos visuais e orais. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) também traz esse pensamento.

> As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. (BRASIL, 2018, p. 63)

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL 2018) acolheu os documentos oficiais que tratam do ensino da língua, fundamentada em pesquisas recentes sobre linguagem. "Assim, mantém e até reforça a necessidade de a aula de Português ser ministrada utilizando-se o texto

como centro do trabalho a fim de ampliar as possibilidades de letramento do aluno" (GUIMARÃES, 2021, p. 52-53).

Nós falamos e nos comunicamos de acordo com nosso conhecimento, adquirido com o passar dos anos, através das interações que temos e também de acordo com nosso interlocutor. Falamos o quê, para quem e com qual finalidade? Nossos textos, sejam orais ou escritos, demonstram quem somos e o que pensamos, e isso sempre foi muito fascinante. "Ao usar a linguagem, fazemos uma experiência estética: construímos nossos textos a partir de nosso repertório, mas também levando em conta o interlocutor e a forma de interação que estabelecemos com ele" (ROJO, 2012, p. 134). É fundamental nas aulas de português trabalhar todo tipo de texto, de suportes variados, temas relevantes e próximos da realidade dos alunos, que utilize e respeite as variedades da nossa língua. O aluno precisa se reconhecer em sua língua, saber usá-la de maneira adequada e comunicar-se através dela de maneira eficaz. Assim poderá assumir seu protagonismo na sociedade, sendo um autor e leitor eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos hoje textos multimodais, em plataformas e suportes diferenciados e isso tudo não pode ficar de fora da sala de aula. Até mesmo porque a leitura está por toda parte. Marcuschi (2008) alerta quanto ao uso inadequado do texto no ambiente escolar. A língua deve ser ensinada através e pelos textos, mas utilizá-los de forma descontextualizada, somente para responder algumas perguntas ou completar frases, talvez, não ofereça os melhores resultados.

"Os textos mudam ao longo da história" (RIBEIRO, 2016, p. 30). É preciso acompanhar essas mudanças para aproximar os alunos dos estudos textuais, sejam verbais (orais e escritos), não verbais ou multimodais. Considerando que a sociedade vive em constante mudança, com tempos modernos e novas tecnologias, isso precisa refletir na escola, que passa a necessitar de planejamentos para novas práticas. No livro 'Os doze trabalhos de Hércules. Do oral para o escrito', encontramos também uma abordagem sobre o assunto: "Como então enxergar e ensinar essa língua na prática? Partindo da língua que se usa em casa, na conversa de bar, no escritório, na rua: da língua viva, em movimento" (BORTONI e MACHADO, 2013, p. 13).

Em 2020 a fúria da Covid-19 nos obrigou a mudar os rumos do ensino de forma abrupta. Muitos professores precisaram aprender a usar algumas plataformas e ferramentas

digitais a favor do ensino, e foram muitos os desafios. No processo de reinvenção, a internet trouxe auxílio e instrução, e o celular se tornou um grande parceiro nas atividades pedagógicas. As aulas puderam contar com mais interatividade, com vídeos, áudios, formulários, jogos. Alguns avanços foram ganhos que não devem ser perdidos. Contudo, infelizmente nem todos os alunos tiveram como acompanhar as aulas remotas e contaram somente com materiais impressos até o retorno presencial das aulas. A crise promovida pela pandemia do Covid-19 expôs o abismo social sombrio e cruel, que já existia na educação pública.

O cenário pós-pandemia é bem cruel e preocupante. Muitas crianças retornaram à escola com uma defasagem no aprendizado imensa. Mais que nunca, é urgente repensar as práticas educacionais no ensino da língua, para que a partir de uma verificação inicial seja possível traçar metas claras e possíveis de serem alcançadas. Algumas vezes, a correria diária acaba engessando o processo educacional, retirando o foco do que realmente importa. Mas é necessário dedicar um tempo de qualidade com os processos de leitura e escrita. Os professores de Língua Portuguesa não devem seguir o exemplo de uma das professoras relatadas no livro 'Aula de português', de Irandé Antunes, que não possuía tempo para dar uma aula de leitura com qualidade, por exemplo. (ANTUNES, 2003, p. 29).

Quais são os impactos da leitura na compreensão e aprendizado dos alunos do Ensino Fundamental? "Toda atividade de interpretação presente no cotidiano da linguagem fundamenta-se na suposição de que quem fala tem certas intenções, ao comunicar-se" (KOCH, 2006, p. 22). A investigação dessas intenções e o estudo direcionado ao progresso discente podem contribuir com a formação crítica dos alunos e ajudá-los a interagir melhor com a leitura que os cerca. Eles estão em contato com textos variados e como reagem a essas informações? Elas são bem compreendidas? Eles conseguem reconhecer a intencionalidade das informações que estão lendo e ouvindo? Após essa leitura de mundo, como eles se posicionam e se expressam através da escrita?

Progredir os textos em grau de complexidade, verificando o nível de amadurecimento que os alunos terão em relação às informações e verificar esses resultados, pode gerar um instrumento significativo para auxiliar a repensar as práticas de uso dos textos na escola. Ao ouvir o *jingle* de uma loja, ler o *slogan* de algum produto ou o símbolo de uma marca, o individuo começa a fazer associações com coisas que conhece ou deseja. Os textos multimodais ganham cada vez mais espaço nas calçadas, conduções e por que não na escola?

O estudante convive com textos diversos ao pegar um ônibus, ir ao mercado, usar a internet, as redes sociais, e esses textos precisam fazer mais parte do repertório escolar. “Há um descompasso qualquer entre o letramento promovido pela escola e os objetos de leitura que circulam socialmente” (RIBEIRO, 2016, p. 46). É necessário utilizar mais esses textos e de forma contextualizada nas aulas de língua.

A linguagem é uma forma poderosa de inclusão social e que proporciona possibilidades de interação, aceitação e, infelizmente, também de discriminação. “A língua é um conjunto de práticas sociais e históricas sensíveis à realidade sobre a qual atua” (MARCUSCHI, 2017, p. 61). A escola precisa receber, orientar, moldar e preparar cada indivíduo, tornando-o um cidadão crítico, que sabe interpretar, se expressar e se posicionar na sociedade. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 61), no que se refere ao trabalho com a linguagem, aborda o assunto:

> (...) é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação) e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. (BRASIL, 2018, p. 61)

Não tem espaço no ambiente escolar para o preconceito linguístico e ao mesmo tempo é urgentíssimo que se abram todas as portas e janelas da escola, para que as variedades linguísticas possam circular. Trabalhar a língua pela língua e de forma inclusiva é agregar valores e saberes na vida de toda a comunidade escolar.

Estudar e aprender a língua gera um entendimento sobre a própria língua e as possibilidades de testagem da linguagem (TRAVAGLIA, 2006, p. 107). Nossa língua é viva, linda e dinâmica. Para bem utilizá-la dentro da escola é fundamental reconhecer a oralidade, aprimorar a codificação e decodificação, incentivar a leitura e a produção textual sempre. E assim proporcionar ao aluno, que ele crie seu acervo vocabular, assuma seu papel de fala de forma consciente e que acima de tudo saiba compreender a funcionalidade de tudo o que precisar ler, ver ou ouvir.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão Final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/ BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

GUIMARÃES, Ana Carolina B. **Nas entrelinhas das tiras cômicas**: uma abordagem de leitura de tiras cômicas por meio da identificação de pressupostos e implícitos. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso "ensinar" o letramento**? Cefiel / IEL/ Unicamp, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 10ª edição. São Paulo: Editora Cortez. 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RICARDO, Stella Maris Bortoni-Ricardo, MACHADO, Veruska Ribeiro (Org). Os doze trabalhos de Hércules*:* do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SILVA, Bruno Humberto. **Sujeito e referência indefinida**: Prescrição, descrição e ensino. Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. Campo Grande – MS. Vol. 21, Nº 41, página 169, 2017. Disponível em: https://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/ view/ 5816/5069. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação** - Uma proposta para o ensino de gramática. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.